Posfácio

Autor(es): Providência, Paulo
Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitectura
URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/37481](http://hdl.handle.net/10316.2/37481)
DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_5_2](http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_5_2)
Accessed : 26-Apr-2023 14:11:05

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

dezembro 2001

fctuc

departamento de arquitectura

e c d j 5

investigação em arquitectura [?]

George Teyssot

Paulo Providência | Mário Krüger | Walter Rossa | António Olaio

Outra abertura adelino gonçalves

StillLife, duração e abandono na obra de john hejduk francisco ferreira

Onde há fogo, nós levamos gasolina pedro bandeira

Apontamentos sobre a arquitectura religiosa do séc. XX em Portugal cidália silva

O desafio ecológico luís pinto faria

Pescada de rabo na boca patricia miguel carvalho

postácio

texto paulo providência

- > Para a minha geração de escola, a história apresentava-se numa relação de complementaridade, não esclarecida, com o projecto; a história que nos era ensinada (história do movimento moderno; história da arquitectura portuguesa da pré-história à actualidade; a história do primeiro ano do arquitecto Távora - uma propedêutica à arquitectura como produção cultural) aparecia como paisagem para definir problemas, posições, afinidades, opções; uma história entendida como campo de reflexão sobre as razões do presente e prospecção do futuro. O objectivo dessa história não era a sua "aplicabilidade"; não se media com o campo "produtivo" do projecto, mas como campo informativo onde o contemporâneo (ou aquilo que se via e fazia) ia buscar as suas raízes para se inscrever. Uma história como sistema de referência.
- > Assim, tanto aderíamos à história do K. Frampton (espécie de resumo histórico-filosófico para principiantes, sobre o movimento moderno) como à "Teoria e História" do M. Tafuri (com mais dificuldade), ou ao Norberg-Schulz. Curiosamente só no 5º ano, com as aulas de Estética do José Salgado descobrimos o André Leroi-Gourhan e conceitos tão próximos dos que havíamos aprendido no 1º ano com o Arq. Távora como os fenómenos de convergência cultural, forma/função/cultura, etc.. Fechava-se assim o ciclo de aprendizagem da história com o retorno à Antropologia (não sem comentarmos, por exemplo, o debate "Alexander / Eisenmann" publicado na Lotus nº 40, 1983, ou o seu comentário por G. Teyssot). Neste retorno ao antropológico, em que história é entendida como memória da experiência acumulada, ela explicita razões da arquitectura, comportando nisso valências de projecto; tornava-se mais claro que a história, como o projecto, é construção no tempo e pode (deve) ser processo de desvelamento (ou "desnovelamento").

- > Ora, esta reflexão sobre a relação entre história e projecto não é exclusivamente portuguesa, é comum ao panorama europeu; em 1994 (num momento de crise evidente do papel da história e do projecto) Pier Luigi Nicolini, editor da revista "Lotus Internacional", lança esse debate a um conjunto de arquitectos e historiadores, e publica-o no nº 81.
- > Na sua formulação há dois entendimentos dessa relação, na tradição europeia: uma procura "fazer pontes entre nós e a tradição, [...] recuperar a tradição humanística[...]. Assim, a tradição torna-se 'monumentalizada', com o risco de produzir um enciclopedismo que legitima historicamente todas as diferenças."; estaria nesta vertente, uma hermenêutica na relação projecto/história; a outra, pela constatação de existência de "elementos impuros ou não resolvidos" na tradição, resolve-os através de uma "energética".[...] a arte como "vontade de poder, como exercício de domínio instrumental sobre as coisas", "renunciando a controlar-se de forma auto-reflexiva, renuncia a compreender-se e acaba por querer ser ela própria, por crescer à sua maneira, e emancipar-se da tradição e dos seus preconceitos".
- > E conclui: "cada vez mais a análise histórica assume o valor de um desvelamento e de um desmantelamento do historicismo oitocentista; cada vez mais a interdisciplinariedade, também da história da arquitectura se comporta como uma formação discursiva que se desenvolve no quadro instável e dinâmico das ciências humanas", para asseverar: "o projecto acabará por modificar o sentido da história agindo de forma a romper as coordenadas espaço-temporais definidas por uma consequencialidade pré-determinada".
- > De uma forma inesperada (ou talvez não), G. Teyssot responde ao desafio levantando a questão do método da história (do fazer história). A reflexão sobre a indecifrável obra de Benjamin, "Paris Capital do Séc. XIX", torna-se à libi para pensar a "actualidade" do fazer histórico, a circunstancialidade de método, ou antes, a historicidade da relação entre método e objecto (tal como no projecto).

- > Para Benjamin, “romper as coordenadas espaço-temporais de uma consequencialidade pré-determinada” passa quer pela “incindibilidade de historiador e crítico” quer pelo “historiador como escritor”; aliás, a historiografia é uma forma de épica:” Podemos mesmo ir mais longe e perguntarmos se a historiografia não representa uma área de indefinição criadora entre todas as formas de épica. Nesse caso a história escrita estaria para as formas épicas, como a luz branca para as cores do espectro”. Elogio de uma historiografia subjectiva, comporta no entanto regras precisas: “três (de)graus para uma boa prosa: um musical, sobre o qual ela é composta; um arquitectónico, sobre o qual é construída; e, por fim, um têxtil sobre o qual ela é tecida”; se a musicalidade é obra da sensibilidade e a arquitectura do texto obra da fundação da razão, já a tecedura é obra da rememoração, “do tecido das recordações”:
- > “Pois o que joga um papel essencial, para o autor que se lembra das suas recordações, não é em nada o que viveu, mas o tecido das suas recordações, o trabalho de Penélope da sua rememoração. Ou não se deveria falar antes do trabalho de Penélope do esquecido? [...] Cada manhã, quando nos acordamos, em geral debilitados e desatentos, temos apenas em mão franjas da tapeçaria do vivido que o esquecido teceu em nós. Mas cada dia, com as nossas acções orientadas para objectivos e, mais ainda, com a nossa memória cativa desses objectivos, desfasemos os entrelaçados, os ornamentos do esquecido. Eis porque é que, no fim da sua vida, Proust havia mudado o dia em noite: num quarto escuro, à luz artificial, sem ser incomodado, podia consagrar todas as horas ao seu trabalho para não deixar escapar nenhum dos arabescos entrelaçados.
- > Se texto significa em latim tecido, não há texto que seja mais tecido e tecido serrado do que o de Proust”.
- > O desnovelamento da história é, afinal, tecelagem do esquecido.